

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

DILL, Daiane¹

KIRCHNER, Elenice Ana²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo reconhecer a história da literatura infantil, trazendo sua contribuição para o cenário atual, bem como, entender a magia do mundo do “Era uma vez...” e do “Felizes para sempre”, refletindo assim sobre sua importância no ambiente escolar. O interesse de pesquisar e escrever sobre, surgiu de nossas práticas de Estágio Supervisionado da Educação Infantil, onde pudemos perceber a importância que as histórias tem para as crianças, pois instigam seu imaginário, as fazem refletir, enfim, quando iniciamos como estagiária em uma creche aqui da cidade, pudemos ver o encantamento que as crianças tem em ouvir uma história. Outro momento foi no Estágio Supervisionado no Ensino Normal Médio onde realizamos uma oficina para o magistério sobre o tema “Era uma vez...”, descrevendo sobre a importância de se contar histórias para as crianças possibilitando aos estudantes o entendimento de alguns passos importantes para se contar histórias de maneira que encante as crianças de diferentes faixas etárias. Atualmente, tendo ciência da importância das histórias, sempre que possível utilizamos dessa ferramenta em sala de aula. Sendo assim, acreditamos ser de fundamental importância à escrita deste artigo, pois a literatura infantil além de ser uma ferramenta de fácil acesso, é de suma importância no desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil. Crianças. Histórias.

Introdução

A presente escrita surgiu de um trabalho de conclusão de curso intitulado “A importância da contação de histórias como ferramenta de aprendizagem no Ensino Fundamental”. O qual tinha como objetivo principal, compreender a importância da contação de histórias como metodologia de ensino aplicada no Ensino Fundamental, bem como sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizado da criança.

O trabalho contava ainda com alguns objetivos específicos, dentre os quais estavam: reconhecer a história da literatura infantil; entender sua contribuição para o cenário educacional atual; para refletir sobre o uso da literatura infantil na escola, como é utilizada no cotidiano para assim entender a magia do mundo do “Era uma vez...” e do “Felizes para sempre”; pesquisar e compreender o entendimento dos professores sobre a contação de

¹ Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Itapiranga – FAI.

² Professora Mestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Itapiranga – FAI.

histórias, identificando como o professor utiliza essa ferramenta em sua metodologia de ensino e refletindo sobre como desenvolver uma contação de histórias.

Deste modo o presente artigo é um pequeno fragmento da escrita desta monografia citada acima.

O trabalho se justificava pois, desde o início dos tempos às pessoas utilizavam-se de contar histórias para transmitir seus conhecimentos de geração para geração, hoje não deixa de ser diferente, cada vez mais a literatura nos traz um leque de possibilidades para trabalhar com/sobre temas pertinentes, com as crianças de forma leve e prazerosa.

Atualmente quando se fala em educação infantil é quase que impossível não citar a literatura voltada a essa faixa etária, pois sabemos que a literatura infantil é capaz de ajudar as crianças a entender diferentes aspectos de sua formação.

Portanto, no intuito de compreendermos, um pouco mais esse universo que é literatura infantil e sua importância como ferramenta de ensino, voltemos nosso olhar, antes de tudo, ao início de sua história.

Aos educadores, conhecer a trajetória da literatura, torna-se fundamental para que ele se sinta seguro e confortável para se utilizar dessa ferramenta, que só vem a contribuir para a formação de nossas crianças, e que tanto as encanta.

Dessa forma, convido-os a embarcar conosco nessa viagem pelo mundo da imaginação.

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Pode-se afirmar que a arte de contar histórias existiu sempre, desde quando o homem começou a falar e articular as palavras. Provavelmente, começou com o homem sentado em sua caverna ao pé do fogo, contando suas bravatas às mulheres e crianças. Certamente teria melhor audiência aquele que descrevesse detalhes, na medida certa, sem demasia, que tivesse graça, humor, que fizesse sua plateia sentir as emoções descritas como se as tivesse vivido. (DOHME, 2010, p. 7)

Como vemos muito antes mesmo da existência da escrita, já se contavam histórias as crianças e adultos, como nos demonstrou Dohme. A contação de histórias se dava no intuito de se transmitir de geração para geração as histórias de seus povos. Do mesmo modo, Souza e Feba reafirmam essa ideia ao dizerem que

As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos. Nesse sentido, ao olharmos para a história da humanidade constatamos que ela está fortemente marcada pelo uso

que os homens fizeram das narrativas para que pudessem se descobrir enquanto pessoas e para repassar às gerações futuras sua identidade e as descobertas realizadas em consequência de suas necessidades, ou seja, o fazer-se ser humano foi construído no decorrer da história narrada. (2011, p. 153)

Portanto, essa “arte”, desenvolvida já pelos nossos antepassados, de contar histórias, foi importantíssima para que suas histórias permanecessem vivas até os dias atuais, pois isso não seria possível, se não, através da contação de história. Desse modo, afirma Lajolo “O passado só sobrevive em forma de linguagem, no que resta dele transformado em presente, no que dele se cristalizou nos documentos conhecidos”. (1986, p. 49)

Sendo assim, no decorrer da história, buscou-se uma nova forma de imortalizar as histórias contadas já por inúmeras gerações, como podemos ver na fala de Souza e Feba

Com o decorrer do tempo, [...] a oralidade deixa de exercer suas funções e os nossos antepassados buscam uma nova forma de registrar os conhecimentos adquiridos, nascendo, assim, a linguagem escrita, que possibilitou perpetuar aqueles textos que nos eram contados [...]. (2011, p. 153)

Entretanto, consideremos que essas histórias só puderam ser consolidadas e imortalizadas no papel, através da linguagem escrita, anos mais tarde, pois como nos colocam Souza e Feba “[...] é preciso pensar que a escrita enquanto forma de comunicação privilegiada pela humanidade é uma invenção recente que data de apenas 5.000 anos”. (2011, p. 97 e 98)

Alguns autores trazem o surgimento dos contos de fada, ou seja, da literatura infantil, como uma literatura, primeiramente pensada para o público adulto, onde posteriormente se modificou transformando-o e habilitando-o a faixa etária infantil, como podemos analisar na fala de Zilberman

No começo, a literatura infantil se alimenta de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se convertem nos contos para crianças; ou ao público de outros países, determinando, nesse caso, traduções para a língua portuguesa. (2005, p. 18)

Logo, percebemos que a literatura é inquestionavelmente antiga, visto que já se existia antes mesmo da escrita, onde posteriormente, pode ser imortalizada através da linguagem escrita. Como nos colocam Souza e Feba

Esses contos de tradição oral que circulavam entre as pessoas do povo da Idade Média e eram utilizados como forma de entretenimento dos adultos foram compilados e, posteriormente, adaptados para o público infantil. Os primeiros contos de fadas apareceram provavelmente na Itália em formas manuscritas em meados do século XVI. (2011, p. 100)

Mas é na Europa onde inicialmente a literatura infantil toma sua forma.

Os livros infantis apresentam narrativas curtas que podem ser consideradas contos – designação de histórias e narrações tradicionais, que existem desde os tempos mais antigos, os quais, na sua origem, eram orais em sociedade ágrafas, transmitidas de geração em geração. Na Europa, Perrault, no fim do século XVII, e os irmãos Grimm, no início do século XIX, recolheram contos orais populares de seus respectivos países e os registraram por escrito, segundo suas concepções e estilos. (FARIA, 2008, p. 23)

Seguindo com a história da literatura, Cademartori remete nosso olhar a um escritor muito importante quando se fala sobre a literatura infantil mundial, como vemos a baixo

A literatura infantil tem como parâmetro contos consagrados pelo público mirim de diferentes épocas que, por terem vencido tantos testes de recepção, fornecem aos pósteros referências a respeito da constituição da tônica literária do texto destinado à criança. No século XVII, o francês Charles Perrault (*Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil. (1987, p. 33)

Ora, visto essa necessidade de se pensar numa literatura infantil, Cademartori volta a salientar, as obras de Perrault, onde ele, que foi considerado o precursor da literatura infantil mundial, escreve considerando atentamente à faixa etária a qual se destinam suas obras.

Questões relativas à obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza da literatura infantil como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular. (CADEMARTORI, 1987, p. 34)

Vejamos um pouco mais sobre a história do precursor da literatura infantil, Charles Perrault

Charles Perrault, coletor de contos populares, realiza seu trabalho após a Fronde, movimento popular contra o governo absolutista no reinado de Luís XIV, cuja repressão deixou marcas de terror na França. Os contos chegam à família Perrault através de contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos. Considere-se que se trata de um momento histórico de grande tensão entre as classes. O burguês Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza. Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. (CADEMARTORI, 1987, p. 35 e 36)

Do mesmo modo, em outros pontos do mundo a literatura infantil, através de seus incansáveis autores, também vai tomando seu lugar no decorrer da história, como nos traz, novamente, Cademartori

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (*João e Maria, Rapunzel*), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio, Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituem-se em padrões de literatura infantil. (1987, p. 33 e 34)

Analisando todos esses autores citados, bem como suas contribuições descritas ao longo deste texto, percebemos que a literatura infantil surgiu tardiamente, de fato, pois a criança, inicialmente não era vista como um ser distinto ao adulto, portanto as primeiras literaturas escritas no mundo eram direcionadas a um público em geral, onde posteriormente, com um olhar mais atento a faixa etária infantil, pensou-se numa literatura voltada a ela. Assim, afirma Cunha

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (1991, p. 22)

No Brasil, por sua vez, a literatura infantil, surge mais tardiamente ainda, como nos coloca Zilberman ao citar que “[...] a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações”. (2005, p. 24)

Dentre as transformações ocorridas no Brasil, podemos citar a mudança que ocorreu em torno da escolarização das crianças, como Zilberman nos aponta

Até o final dos anos 60, a escolarização da infância e da juventude dividia-se entre o ensino primário, obrigatório, com a duração de cinco anos, e o ensino secundário, em duas etapas, conhecidas como ginásio, em quatro anos, e colégio, em três anos. A essa etapa seguia-se o ensino superior, ministrado pela universidade. (2005, p. 46)

Anos mais tarde há uma nova mudança em torno da escolarização das crianças, onde

A partir da reforma implantada no começo da década de 1970, o ensino passou a repartir-se em fundamental, obrigatório como o antigo primário, mas com a duração de oito anos, médio, em três anos, e superior. A principal providência, em termos

organizacionais, disse respeito ao ensino fundamental, pois a faixa de escolarização obrigatória estendeu-se de cinco para oito anos, fazendo aumentar numericamente o número de alunos na escola. (ZILBERMAN, 2005, p. 47)

Diante de tais mudanças, começou-se a pensar sobre uma literatura que pudesse satisfazer os anseios dessa nova faixa etária, a infantil. Entretanto, como já citado anteriormente, a literatura infantil surgiu através de obras, primeiramente criadas e destinadas a adultos, Zilberman ainda nos faz refletir quando afirma

A literatura não contraria a velha lei de Lavoiser, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele. Esse ponto de partida é muito amplo, de modo que as variações são infinitas, e as obras, bastante diferentes entre si. O escritor dispõe também de grande liberdade, pois, somando experiência e imaginação, ele pode ir longe, inventando pessoas, lugares, épocas e enredos diversificados.

Contudo, ele não pode ir longe demais: os leitores precisam se reconhecer nas personagens, há limites para mexer com a temporalidade, e a ação precisa ter um mínimo de coerência. (2005, p. 13)

Entretanto, vista a necessidade de se pensar numa literatura infantil, e visto também que não havia ninguém apto ainda a fazê-lo é que se remete a lei de Lavoseir como Zilberman volta a frisar

O Brasil daquele período estava mudando de regime político. [...] O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente.

É nesse ponto que um novo mercado começa a se apresentar, requerendo dos escritores a necessária prontidão para atendê-lo. O problema é que eles não tinham atrás de si uma tradição para dar continuidade, pois ainda não se escreviam livros para crianças na nossa pátria. O jeito então era apelar para uma das seguintes saídas:

- traduzir obras estrangeiras;
- adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos;
- reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente alunos e estavam se habituando a utilizar o livro didático;
- apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas.

Essas soluções não foram inventadas pelos brasileiros, e é aí que se explica pela primeira vez com a lei de Lavoiser, mencionada antes. (2005, p. 14, 15 e 16)

Como podemos perceber, portanto, no intuito de atender a demanda desta nova faixa etária “[...] ocorre no nosso país, ao final do século XIX, [...] o aparecimento dos primeiros livros para crianças escritos e publicados por brasileiros”. (ZILBERMAN, 2005, p. 14)

Sendo assim, Souza e Feba nos afirmam que “A literatura infantil é um gênero recente na história [...]”. (2011, p. 7) Reafirmando a colocação de Souza e Feba quanto à “idade” da literatura infantil brasileira Zilberman complementa.

Os primeiros livros brasileiros escritos para crianças apareceram ao final do século XIX, de modo que a literatura infantil nacional contabiliza mais de cem anos de história. Por isso, aparece nas recordações de escritores consagrados, como o Viriato Correia citado por Scliar. A experiência do novelista difere, pois, do que se passou aos autores nascidos no começo do século XX, como Erico Veríssimo, que reteve na lembrança outros nomes, quase todos nascidos na Europa, como Júlio Verne, um dos prediletos de sua geração. Jorge Amado, da mesma época, relembra *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, enquanto Carlos Drummond de Andrade tem nostalgia do *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Moacyr Scliar e contemporâneos seus como Affonso Romano de Sant'Anna, conforme esse declara no poema "O Burro, o Menino e o Estado Novo", fizeram-se leitores a partir do acervo brasileiro, variado e disponível por ocasião das respectivas infâncias. (2005, p. 11)

Deste modo, vemos que no intuito de enriquecer cada vez mais a literatura infantil, "No Brasil, desde o século XIX, especialistas [...] vêm coletando literatura popular oral e escrita". (FARIA, 2008, p. 23)

Dentre muitos autores que se destacam na história da literatura infantil, Zilberman nos coloca

Vale a pena mencionar os nomes desses pioneiros. Um deles, Carl Jansen (1823 ou 1829-1889), nasceu na Alemanha, mudando-se, jovem, para o Brasil, onde trabalhou como jornalista e professor. Percebeu logo que, no Brasil, faltavam livros de histórias apropriadas para os alunos e entre, aproximadamente, 1880 e 1890 tratou de traduzir alguns clássicos [...]. O outro, Figueiredo Pimentel (1869-1914), era brasileiro e, como Jansen, militava na imprensa. Quando decidiu dedicar-se à literatura infantil, preferiu seguir o caminho sugerido pelos irmãos Grimm. (2005, p. 17)

Analisando ainda a obra de Zilberman ele complementa a lista de autores importantes da história da literatura destacando

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. Praticaram, cada um a seu modo, a lei de Lavoiser, já mencionada. Sem eles, talvez os livros nacionais para as crianças demorassem a aparecer; mas "fê e orgulho" teremos em/de Monteiro Lobato, o sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou. (2005, p. 19)

Em continuidade a pesquisa, vemos que as primeiras literaturas, portanto, foram adaptações de histórias já existentes, como Zilberman volta a colocar.

Os primeiros livros que, quando foram editados, destinavam-se principalmente às crianças continham histórias recolhidas da tradição oral e redigidas agora com o olho nas potencialidades do novo público. Originalmente, narrativas como "Chapeuzinho Vermelho" ou "João e Maria" eram ouvidas por adultos, que as herdaram dos antepassados, também maiores de idade. (2005, p. 90)

Enfim, é nos anos 70 que acontecer uma reformulação perante a literatura infantil, e essa reformulação como aponta Zilberman foi de suma importância para que a literatura infantil fosse reconhecida pela escola.

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para a criança em todo o planeta. (2005, p. 52)

Concordando com a ideia de Zilberman, Silva também afirma que

A partir dos anos 70, a qualidade da produção literária voltada para a criança despertou o interesse da escola, empenhada em reconquistar para a leitura crianças e jovens, cada vez mais seduzidos pela cultura da imagem que se oferecia eletronicamente, ao comando de um botão. A escola, então, redescobriu a literatura, e as editoras descobriram a escola. (2009, p. 11)

Em consonância as transformações ocorridas durante os anos 70 na literatura infantil, um autor que se destaca é o renomeado Monteiro Lobato, sendo este o grande precursor da literatura infantil brasileira, como Cademartori aponta

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome. (1987, p. 43)

Com o propósito de reafirmar esta ideia, me uso de Cunha quando ele traz em sua fala que “Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira”. (1991, p. 24)

Sendo assim, em conformidade as ideias de Cademartori e Cunha, Abramovich salienta ainda que “O homem lobato impressionou a todos! E o escritor infantil faz parte do melhor pedaço da memória dos tempos de criança dos adultos de hoje [...]”. (1994, p. 35)

Lobato, portanto, se destaca dos demais autores por suas ideias ousadas, pois

Monteiro Lobato tinha a convicção de que a Literatura Infantil deveria reunir divertimento e informação, pois acreditava que, para a criança, aprender também dá prazer. Como não confiava na eficácia da escola, tratou de preencher com as aventuras do Sítio as lacunas que o ensino formal deixava em aberto. (SILVA, 2009, p. 28)

Cademartori salienta ainda que

O revolucionário na obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos de uma situação histórica em que é produzida. O esforço de compreensão crítica do passado permite, em suas histórias, um redimensionamento do presente que, por sua vez, torna possível a prospecção, ou seja, o olhar para o futuro. (1987, p. 48 e 50)

Analisando os ideais de Monteiro Lobato, podemos entender porque ele é visto como o precursor da literatura infantil, pois como Cademartori nos traz, Lobato tinha um cuidado especial com o público a qual destinavam suas obras.

A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional. (1987, p. 50)

Como consequência deste cuidado que Lobato possuía para com seu leitor, ele cria obras mais atrativas à faixa etária infantil, ou seja, para as crianças, e mais importante, as obras visam proporcionar, aos mesmos, aprendizados mais significativos, quanto a sua realidade.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa sempre espaço para a interlocução com o destinatário. (CADEMARTORI, 1987, p. 51)

Cademartori volta a frisar que “A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas”. (1987, p. 50 e 51)

Para tanto, “O grande desafio das personagens de Lobato é o conhecimento, é através dele que se impõe. A moralidade é dissolvida, o grande valor passa a ser a inteligência. A esperteza, habilidade quase maliciosa da inteligência, é igualmente valorizada”. (CADEMARTORI, 1987, p. 51)

Deste modo, a criação das obras de Lobato parecem desafiar ao autor, pois nelas serão transmitidos valores importantíssimos às crianças, e todo cuidado é fundamental, quando se diz respeito a esta faixa etária, como exemplo Cademartori nos apresenta

A obra do criador do Sítio do Picapau Amarelo, ambiente rural que abriga suas personagens, se dimensiona a partir de sua interação com o grupo social ou, mais explicitamente, sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público. O sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história. (1987, p. 43)

Portanto, em concordância com Cademartori, Silva escreve que

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino-americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar. (2009, p. 117)

Pois, ainda segundo Silva “Pode-se afirmar com segurança e sem exagero: a nossa literatura infantil não seria o que é se não tivesse existido um homem chamado Monteiro Lobato, uma das mais fascinantes personalidades que marcaram a primeira metade dos século XX em nosso país”. (2009, p. 103)

Sendo assim, “Pelo tratamento abrangente e inovador que este ficcionista deu à sua produção literária, pode-se dizer que existem dois tempos na literatura infantil: antes de Lobato e depois de Lobato”. (SILVA, 2009, p. 106)

Entretanto, no que diz respeito ao reconhecimento de autores importantes da história da literatura infantil brasileira não apenas citar Monteiro Lobato, como também lembremos de duas autoras similarmente importantes, Ruth Rocha e Marina Colasanti.

Nesse sentido, Silva nos afirma

Ruth Rocha está hoje, sem dúvida, no rol dos escritores mais significativos e bem-sucedidos no panorama editorial da literatura infantil e juvenil brasileira. O conjunto de sua obra, predominantemente narrativa, abrange mais de uma centena de títulos, incluindo textos de sua própria criação e histórias recontadas em prosa ou verso, que abastecem o mercado livreiro em sucessivas edições. (2009, p. 184)

Como vemos, Ruth Rocha é considerada, hoje, uma das mais significativas escritoras tanto na literatura infantil quanto na literatura juvenil brasileira. Igualmente a Rocha, Marina Colasanti é tida como figura fundamental da literatura infantil, como nos coloca Silva ao citar que

Marina Colasanti é hoje, sem dúvida, uma das mais importantes vozes femininas da literatura brasileira. Sua produção literária abre-se num variado leque de opções, que incluem a prosa jornalística, o ensaio, a crônica do cotidiano, a poesia, o conto e o miniconto para leitores adultos; bem como a poesia, a novela e o conto para o público infantil e juvenil. (2009, p. 253)

De modo especial, “Na literatura infantil, Marina revitalizou a narrativa curta, criando o que ela própria chama de ‘contos de fadas’”. (SILVA, 2009, p. 253)

Portanto, analisando a história da literatura voltada à faixa etária infantil, percebemos que “Os temas das histórias de fadas, sejam elas dos Irmãos Grimm, de Charles Perrault ou de Marina Colasanti, costumam ser as passagens e enfrentamentos da criança rumo à emancipação e uma vida adulta”. (SILVA, 2009, p. 77)

Sendo assim, percebemos que é devido ao olhar mais atencioso que se dá a criança que surge a necessidade de uma literatura voltada a elas. Deste modo vemos que muito se mudou ao longo da história tanto brasileira quanto mundial. Em especial gostaria de destacar ainda uma fala de Silva quando ele nos faz refletir dizendo

O impulso que a literatura infantil e juvenil recebeu a partir dos anos 70 no Brasil e que ficou conhecido como o boom dessa modalidade literária, pôs em circulação, no país, uma produção altamente significativa, tanto em volume como em qualidade de material. Como consequência, os livros destinados à criança e ao jovem, antes relegados aos desvãos das livrarias, passaram a ocupar espaços mais nobres. (2009, p. 107)

Portanto, hoje “Centenária, a literatura infantil brasileira oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações”. (ZILBERMAN, 2005, p. 11)

Em síntese, visto toda a história da literatura infantil, voltemos, primeiramente, nossa atenção para compreendê-la melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inquestionavelmente, percebemos que as histórias proporcionam prazer para quem as ouve e quem as lê, pois cada uma delas traz em sua trama um significado que se atribui à vida humana.

Logo, Silva nos faz refletir, pois “Afim, por que estudar Literatura Infantil na universidade? Em primeiro lugar, pela qualidade literária que essa produção vem alcançando no Brasil. De fato, uma coisa que nem todos sabem é que a nossa literatura infantil alinha-se entre as melhores do mundo”. (2009, p. 11)

Nesse sentido, Saraiva afirma, “[...] é preciso lembrar que a boa literatura independente de rótulos: a boa literatura infantil é aquela capaz de encantar leitores de todas as idades”. (2001, p. 79)

Portanto, “[...] consideramos que a literatura ainda tem muito a oferecer e sua ausência constitui uma grande perda para todos”. (GENS, SANTOS e MARTINS, 2010, p. 153)

Enfim, do mesmo modo como nos coloca Busatto (2007, p. 127) "...o que tenho a dizer é que isso, que estamos chamando de contação de histórias, ainda vai dar muito que falar”.

Sendo assim, deixamos nossas reflexões por continuar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo, S.P.: Scipione, 1989.

_____. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo, S.P.: Círculo do Livro, 1983.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2. Ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2007.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. Ed. São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A., 1987.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. Ed. São Paulo, S.P.: Ática, 2004.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria & Prática**. São Paulo, S.P.: Ática, 1991.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2010.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo, S.P.: Contexto, 2008.

GENS, Rosa; SANTOS, Leonor Werneck dos; MARTINS, Georgina (organizadoras). **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro, R.J.: Ao Livro Técnico, 2010.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo, S.P.: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

SARAIVA, Juracy Assmann (org.). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre, R.S.: Artmed, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. Ed. Goiânia, GO.: Cânone Editorial, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.